

**BLANCHARD, Jean-Vincent (2023).** *Eminência. Richelieu e a ascensão de França*. Porto Salvo: Edições Saída de Emergência, 336 pp., ISBN: 978-989-9138-44-5.

Quando um investigador aborda uma personagem histórica da envergadura do Cardeal Richelieu (1585-1642), num período que foi particularmente conturbado na história de Europa, uma das dificuldades que enfrenta na hora de escrever sobre ela é a de discernir qual será a forma mais eficaz de conduzir a narrativa, de modo a não se perder no marasmo de acontecimentos encadeados que circundaram a vida política e pessoal do Cardeal e das figuras históricas com quem esteve diretamente relacionado. Nesse sentido, Jean-Vincent Blanchard consegue manter ao longo de toda a obra um fio condutor bastante coerente e equilibrado, centrado na biografia política de Richelieu, na sua articulação com os momentos cruciais da história de França durante o reinado de Luís XVIII, assim como das circunstâncias que os desencadearam. Deste modo, o autor de origem canadiana, formado na Universidade de Yale e professor adjunto de literatura e política francesa na Universidade de Swarthmore, na Pensilvânia, consegue traçar uma biografia política do cardeal que permite ao leitor compreender melhor as atitudes e as decisões tomadas por esta figura histórica, controversa e paradoxal. Ao mesmo tempo, permite conhecer melhor alguns aspetos da personalidade do Cardeal, que antes de se tornar Duque de Richelieu dava pelo nome de Armand-Jean de Plessis.

Considerado o pai do sistema estatal moderno, o Cardeal, segundo Blanchard, “era um pragmático, que pensava que as decisões políticas racionais e o «direito natural» eram conciliáveis com os desígnios de Deus” (p. 11). Segundo o próprio Richelieu “a luz natural do pensamento torna óbvio para qualquer um que o homem, tendo sido criado razoável, é obrigado a agir usando esse poder. Caso contrário ele agiria contra a sua própria natureza e, por conseguinte, contra o seu Criador” (p. 12). O uso da razão tornou o Cardeal num orador brilhante, com grandes capacidades persuasivas, que analisava sempre metodicamente os problemas.

Esta obra de Blanchard está dividida em três partes cronológicas, divididas em outros tantos subcapítulos. Na primeira, “A ascensão (1617-1624)”, Richelieu é confrontado com as dramáticas circunstâncias que rodearam a ascensão de Luís XVIII ao trono de França, com apenas 16 anos, e que pôs fim à regência da sua mãe, Maria de Medicis, dando origem a uma série de conflitos entre mãe e filho, nos quais Richelieu se manteve sempre partidário da

rainha, o que não evitou, porém, problemas de confiança entre ambos. Esta foi uma fase turbulenta, na qual o futuro Cardeal se manteve sempre firme (p. 38). Apesar da sua pouca experiência, aproximou-se do poder quando foi nomeado Secretário de Estado e Assuntos Militares, facto que aproveitou, entre outras coisas, para colocar os seus parentes em cargos de responsabilidade. Foi nesta fase que Richelieu se tornou cardeal (p. 74), mais concretamente, em 1622. No entanto, a sua carreira não estava a evoluir da forma desejada.

Blanchard faz sempre questão de contrabalançar os aspetos positivos e negativos desta figura histórica. Nesse sentido, alude aos seus detratores, referindo as diversas tentativas de o matar, porque acreditavam que Richelieu “usava a sua autoridade moral para encobrir crimes políticos e pessoais” (p. 13). Na verdade, o Cardeal possuía uma vasta rede de espões e polícia secreta, aplicando castigos violentos quando os considerava necessários, baseado no lema pelo qual quem não estivesse com ele, estava contra ele (p. 95). Estes atentados contra a sua vida deixavam-no num estado de profunda tristeza e desamparo, chegando a confidenciar ao núncio Spada: “De que serve esgotar-se em nome da França se a morte é a recompensa” (p. 97-98).

Na segunda parte: “Os testes (1624-1630)”, Blanchard faz questão de realçar o lado bélico do Cardeal, que nessa altura enfrentava os conflitos da guerra entre a França e a Inglaterra e os resistentes protestantes de La Rochelle. Vemos aqui o Richelieu militar “a cavalo e vestido com a sua melhor armadura” (p. 115), “elegante, em trenó, com chapéu de castor” (p. 129), durante o confronto nos Alpes contra o Conde-Duque de Olivares. Nestes capítulos, Blanchard refere a importância do sucesso militar de Richelieu, que provavelmente alcançou mais fama como estratégia militar do que como Cardeal e homem da Igreja.

Na terceira parte: “A paixão (1631-1642)”, Blanchard permite ao leitor vislumbrar alguns aspetos pessoais da vida do Cardeal, talvez menos conhecidos, nomeadamente, o gosto pela arte, pelo teatro e pelos projetos urbanos e de decoração, numa época em que em Paris proliferavam inúmeras construções urbanas de estilo sumptuoso e requintado. Entre elas incluía-se o novo teatro de Richelieu (p. 217), onde se representavam diversas peças teatrais, com decorados e adereços luxuosos e sumptuosos. Algumas destas peças foram escritas pelo próprio Cardeal, como por exemplo, *La Grande Pastoral*, com uma extensão de 500 versos.

Relativamente às convicções religiosas, uma das grandes questões que preocupavam Richelieu, cujo excesso de trabalho e escassas horas de sono começavam a minar a sua saúde, era discernir sobre como viver na presença de Deus e saber se havia pessoas que tinham autoridade para mediar essa rela-

ção, o que não deixava de ser paradoxal, tratando-se de um homem da Igreja. A este respeito, Blanchard recupera testemunhos documentais para mostrar, ou pelo menos vislumbrar, o pensamento do Cardeal sobre essas questões. Um desses testemunhos é o do seu primeiro biógrafo, Antoine Aubery, que nos revela o sentimento de tristeza de Richelieu “por não experimentar tão profundamente quanto queria o remorso pelos seus erros e o amor de Deus” (p. 196). Com estas interpolações dos factos mais importantes em torno da personalidade do Cardeal, Blanchard insta o leitor a refletir melhor sobre as ações e atitudes tomadas por esta extraordinária figura histórica, de modo que, no fim, nos perguntamos: foi realmente tão cruel e implacável? Até que ponto as complexas circunstâncias em que viveu moldaram o seu carácter político e condicionaram a sua atitude frente aos outros e perante si próprio?

Esta obra finaliza com uma excelente conclusão, que evidencia uma extraordinária capacidade de síntese, de maneira que, em poucos traços, esboça na perfeição a personalidade política do Cardeal. De modo geral, o estilo narrativo fluido do autor torna a leitura agradável, apesar das constantes e necessárias referências históricas, o que merece uma palavra de louvor. O livro inclui também uma extensa bibliografia, fontes documentais bem selecionadas, uma lista de personagens principais e uma tabela cronológica. As notas de rodapé aparecem no fim, por serem numerosas, embora possa tornar a leitura algo desconfortável. Também inclui uma coleção de retratos das principais personagens referidas, que aparecem publicadas a preto e branco, o que é de lamentar.

ROSA MARIA SÁNCHEZ SÁNCHEZ

Universidade do Porto, Centro de Investigação Interdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras.

rosabx@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9794-761X>



